

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

A SELVA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA PÓS-COLONIAL¹

THE JUNGLE: ANALYSIS IN A POST-COLONIAL PERSPECTIVE

Ednaldo Tartaglia Santos², Odete Burgeile³

RESUMO: Este trabalho faz uma leitura do romance *A Selva* do escritor português Ferreira de Castro em uma perspectiva pós-colonial. Assim, observamos o olhar do colonizador sobre os colonizados através da inversão de papéis das personagens Alberto, colonizador português, e Juca Tristão, colonizador brasileiro. Sustentamos nossas discussões com as abordagens de teóricos que se preocuparam com o estudo a respeito do Outro (SAID, 2007; GONDIM, 2007; PRATT, 1999). Dialogamos também com os trabalhos de Cunha (2006) que relata e denuncia o sistema de exploração humano nos seringais da Amazônia, de Emery (1999) a respeito do romance *A Selva* e de Tocantins (1999) que discorreu sobre o escritor Ferreira de Castro. Por fim, este estudo aponta a resistência do colonizador em se considerar como o Outro, além de fazer uma denúncia social sobre o sistema exploratório nos seringais dos séculos XIX e XX e de divulgar a Região Amazônica.

Palavras-chave: A Selva; Amazônia; Seringueiros; Colonizador; Colonizado.

ABSTRACT: This work is reading of the novel *The Jungle* by the Portuguese writer Ferreira de Castro in a postcolonial perspective. Thus, we observe the coloniser look over the colonized by reversing the characters roles Alberto, a Portuguese colonizer, and Juca Tristan, a Brazilian colonizer. We hold our discussions with theoretical approaches concerned with the study about the Other (SAID 2007; GONDIM, 2007; PRATT, 1999). We also dialogue with the work of Cunha (2006) that reports and denounces the human operating system in the rubber plantations of the Amazon, by Emery (1999) about the novel *The Jungle* and by Tocantins (1999) who spoke about the writer Ferreira de Castro. Finally, this study points out the colonizer's reluctance to be considered as the Other, besides to make a social denunciation of the exploratory system in the rubber plantations of the nineteenth and twentieth centuries and to promote the Amazon region.

Keywords: The Jungle; Amazon; Tappers; Settler; Colonized.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Cultura e Amazônia do Mestrado Acadêmico em Letras – Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2013.

² Professor Mestre da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e integrante do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais – GELLSO da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Contato: dinaldots@hotmail.com.

³ Professora Doutora do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras - UNIR, líder do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais – GELLSO/UNIR.

Introdução

Este trabalho é uma leitura do romance *A Selva* de autoria do escritor português Ferreira de Castro numa visão pós-colonial. O romance foi publicado pela primeira vez em 1930, em Lisboa – Portugal, contemplou a ambientação da Amazônia e pode ser considerado como uma denúncia social sobre o sistema de exploração humano nos seringais amazônicos. O romance faz uma abordagem sobre questões sexuais e sobre crimes que ocorrem na trama devido às limitações e represálias que sucederam no microcosmo Paraíso. Assim, faremos uma abordagem pós-colonial do romance e enfatizaremos a inversão de papéis de duas personagens: Alberto, português que estava exilado no Brasil e representava o próprio autor, doravante colonizador europeu, e Juca Tristão, brasileiro, que tinha o domínio de bens na Amazônia e mantinha uma relação de Poder sobre os demais habitantes do Paraíso, doravante colonizador brasileiro. A análise dessas personagens possibilitará compreender a construção da personagem Alberto que, em síntese, é uma reprodução diegética do próprio autor Ferreira de Castro que, por sua vez, viveu no seringal Paraíso na Amazônia. Assim, também estudaremos a visão do colonizador sobre o colonizado, observando a construção, a abordagem e a representação da cultura do Outro.

Com intuito de melhor analisar o romance *A Selva* em uma visão pós-colonial, dialogamos com os estudos de alguns teóricos que sustentaram nossos argumentos sobre a inversão de papéis entre as personagens Alberto e Juca Tristão para mostrar o inventário de um povo visto pelo Outro. O *Orientalismo* de Edward W. Said (2007) foi fundamental para compreendermos os estudos culturais dos grupos marginalizados. Said salienta que “o Ocidente é o ator, o Oriente é um coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri de cada faceta do comportamento oriental” (SAID, 2007, p. 161). O autor discute o Ocidente se referindo à Europa e o Oriente como povos periféricos. Assim, julgam o Oriente, os seres de fronteira que podemos fazer alusão aos povos colonizados (América, África e Ásia), como sociedades inferiores ao mundo eurocêntrico.

**Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)**

Nesse sentido, utilizamos também o trabalho de Mary Louise Pratt (1999), o *Pós-Colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante?* que explora o pensamento pós-colonial. A autora salienta que “os mitos imperiais continuam gerando significados, desejos e atitudes. Ainda falta muito para que nos descolonizemos”. Com isso, Pratt, discorrendo sobre o pós-colonialismo, verifica certo “relaxamento por parte dos intelectuais metropolitanos e cosmopolitas, permitindo que continuem atuando irrefletidamente como um centro que define o resto do mundo como periferia” (PRATT, 1999, p. 18-9).

Dialogamos também com a obra *A Invenção da Amazônia* de Neide Gondim (2007) que relata o ponto de vista do europeu em relação ao Novo Mundo, desde o século XV ao XX, descrevendo e entrelaçando narrativas que juntas mostram a dizimação das culturas, dos autóctones em meio ao ambiente hostil amazônico e discorre também a respeito da visão fantasiosa e mimética do europeu em relação Região Amazônica.

Empregamos ainda *À Margem da História* de Euclides da Cunha (2006) que faz uma denúncia social ao sistema exploratório dos seringais da Amazônia especialmente na região do Acre, e aponta as condições subumanas que os nordestinos eram submetidos no microcosmo da selva.

Outros trabalhos foram importantes para enriquecer nossa discussão. Assim, apoderamos também dos estudos de Leandro Tocantins (1999) em *Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia* e de Bernard Emery (1999) *A Amazônia e a (re) invenção do luso-tropicalismo: o caso de A Selva*. Esses trabalhos abordam questões a respeito do romance *A Selva*, sobre o escritor Ferreira de Castro e a respeito da Região Amazônica.

A Selva: o microcosmo Paraíso

De acordo com Leandro Tocantins (1999, p. 105) em *Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia*, José Maria Ferreira de Castro (1898-1974) foi um escritor português que imigrou para o Brasil, “chegou menino de doze anos, a Belém do Pará, no ano de 1911, em busca de um destino prometido pela borracha” e, devido a algumas situações econômicas, obrigaram-no a juntar-se a uma leva de retirantes nordestinos

v. 8, n. 1 (2015)

contratados para cortar seringa. Trabalhou em precárias condições durante quatro anos no Seringal Paraíso, localizado no Rio Madeira, nas proximidades do atual município de Humaitá, Estado do Amazonas.

O romance *A Selva* publicado pela primeira vez em 1930, em Lisboa, teve “quinze anos de maturação, [...] escrito de 9 de abril a 29 de novembro de 1929” (TOCANTINS, 1999, p.108), revela uma autobiografia de Ferreira de Castro a respeito do período que viveu no Brasil.

Bernard Emery (1999) com seu trabalho *A Amazônia e a (re) invenção do luso-tropicalismo: o caso de A Selva* também relata o romance como autobiografia do autor, representado pela personagem de Alberto:

Com a personagem Alberto, que, neste sentido, não é nada mais que a encenação diegética do olhar do próprio Ferreira de Castro, pequeno seringueiro do início do século, submentido como todos os outros ao sistema de quase escravização, bem conhecido, dos seringais e de todos os latifúndios brasileiros, e exposto com a defesa ilusória dum rifle, quando o tem, a todos os perigos dum mundo tão fascinante como hostil (EMERY, 1999, p. 95).

O romance *A Selva* narra a caminhada do jovem Alberto de 26 anos, estudante de Direito, imigrante Português que estava exilado no Brasil devido a sua ideologia política, era monarquista. Depois de morar algum tempo com seu tio, desloca-se para a floresta amazônica a fim de conseguir riqueza como seringueiro. Da embarcação, no porto de Belém do Pará, até o seringal Paraíso, em Humaitá no Amazonas, começou a viver a desilusão da viagem e do trabalho. Estabelecido na terceira classe da embarcação, Justo Chermont, viveu seus primeiros dias de agonia até a chegada ao seringal. No Seringal Paraíso, propriedade do seringalista Juca Tristão, teve recepção humilhante pelos seringueiros. Conviveu com os cearenses e foi trabalhar na selva com extração do látex. Foi submetido às asperezas que a selva e o ambiente do seringal propiciavam, além de se submeter a condições subumanas que viviam os seringueiros. Teve ascensão e foi trabalhar no barracão para Juca, lá teve moradia, comida “digna” para o ambiente. Mas sempre subalterno ao poderoso Juca Tristão.

v. 8, n. 1 (2015)

A extração do látex era a principal atividade de fomento da região Amazônica nos séculos XIX e XX. O sistema de extração da borracha nos seringais estava dividido num contexto hierárquico, da seguinte forma: seringalista, o proprietário do seringal; os trabalhadores de apoio, que eram os caçadores, barqueiros e pescadores; e os extratores compostos de seringueiros e de caucheiros.

A Amazônia era vista como o Eldorado por muitos e também como o próprio inferno por outros: Eldorado, pela facilidade, que alguns diziam, de conseguir riqueza; inferno, pelas dificuldades, pelas doenças endêmicas, pelo sistema de exploração humano.

Migrantes nordestinos se inseriam na região hostil e endêmica, teciam, muitas das vezes, sua escravidão e sua própria morte diante dos trabalhos de extração da borracha. Esse era o contexto histórico que os seringueiros se envolviam em busca de uma riqueza fácil, por sua vez, errônea. Euclides da Cunha em *À margem da história* relata que o seringueiro trabalhava para se escravizar: “De feito, o seringueiro – e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas – realizava uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2006, p. 28).

Assim, com a análise de algumas narrativas, Gondim faz o seguinte apontamento:

A floresta é responsabilizada pela transformação do homem; os caboclos e os índios são preguiçosos, indolentes, eram tidos como crianças grandes, ingênuos ou intrusos, desajustadores da harmonia natural. É em cima desses temas que se desenvolveu a grande maioria dos romances sobre a Amazônia (GONDIM, 2007: p. 287).

O espaço por onde Ferreira de Castro configurou *A Selva* foi num seringal em meio a floresta amazônica e, assim, como Gondim apontou acima, esse romance também foi tecido, mostrando a visão do europeu em relação aos seringueiros. Tocantins relata o espaço de *A Selva* da seguinte forma: “O seringal Paraíso, no rio Madeira, seria a cidade da tristeza, a selva, o abismo da eterna dor, a mansão dos condenados” (TOCANTINS, 1999, p.107).

Cunha descreve como era o ambiente dos seringais e aponta alguns elementos característicos do sistema exploratório que predominava na selva amazônica:

Qualquer freguês ou aviado não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601

v. 8, n. 1 (2015)

Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem uns os empregados de outros antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes (CUNHA, 2006, p.31).

Com essas informações, podemos dizer que a trama do romance *A Selva* se desenvolve no microcosmo Paraíso, pois o universo paradisíaco da selva, em alguns momentos, se confrontava com a realidade infernal que viviam os seringueiros. Eles estavam presos ao trabalho, à dívida, ou seja, ao sistema de exploração do seringal que transcendia a ficção, pois era a realidade do ambiente amazônico daquela época.

A inversão: o colonizador europeu como colonizado e o colonizado brasileiro como colonizador

Neste item, faremos uma leitura do romance *A selva* com um olhar pós-colonial, verificando a inversão de papéis das personagens: Alberto, colonizador europeu ou metropolitano, e Juca Tristão, colonizador brasileiro. É necessário ressaltar dois pontos na nossa leitura. Primeiro, Alberto era um Português que estava exilado no Brasil devido a sua posição política. Portugal, país que outrora dominou a expansão marítimo-comercial e conquistou diversas regiões no velho e novo mundo fixando colônias. Com a conquista exploratória dessas colônias, Portugal impôs sua língua, religião, seus costumes e suas leis. Percebemos que o protagonista do romance é um português, colonizador europeu, invertido na posição de colonizado, ou seja, o imigrante português adentrou a selva amazônica, Brasil, na antiga colônia, em busca de trabalho e riqueza.

No segundo ponto, temos o colonizado brasileiro, Juca Tristão, invertido na posição de colonizador. Ele matinha o Poder, tinha dinheiro, fazendas, seringal e um domínio sobre suas terras. Estudaremos essa personagem na posição de colonizador brasileiro. Desse modo, Juca Tristão tinha o domínio sobre os outros colonizados e sobre o colonizador, Alberto, que se tornou seu subordinado. Vale ressaltar que, na narrativa, há

v. 8, n. 1 (2015)

vários colonizados brasileiros, especialmente nordestinos que foram explorados no seringal.

Para Mary Louise Pratt, as narrativas de anticonquista onde a catalogação da natureza torna conteúdo das narrações podendo se tornar essência do enredo. Ela salienta que “tais, histórias são o que chamo de narrativas de anticonquista, que naturalizam a presença e autoridade global européia em vez de transformá-las em invasão, fazendo uma impressão mais de inocência do que de intervenção” (PRATT, 1999, p. 26-27). Temos esse exemplo em *A Selva*, onde a descrição da Amazônia é paralelamente apresentada com a angústia e atritos que o colonizador europeu sofreu com a inversão de papéis no percurso de Belém ao Seringal Paraíso, em Humaitá, e também na convivência com os brados no seringal.

Esses esclarecimentos fazem-se necessários para verificar o papel do colonizar europeu, Alberto, na posição de colonizado dentro da narrativa e do microcosmo criado pelo sistema exploratório humano dos seringais da Amazônia e a visão eurocêntrica sobre o Outro.

Tocantins, em conversa com Ferreira de Castro, relata:

Então, me respondeu, enfático: “Em relação à paisagem natural o fato é autêntico. [...] Relutei em situar o ato repulsivo, pensando, sobretudo, nas repercussões em Portugal, onde a crítica poderia considerá-lo recurso ao escabroso, ao sensacionalismo. Mas não poderia ocultar nada, o romance tinha de ser fiel à verdade (TOCANTINS, 1999, p.110).

De acordo com Tocantins, Castro tentou descrever em seu romance uma ambientação “fiel a verdade”. Não podemos esquecer que Ferreira de Castro viveu e conviveu com seringueiros no seringal Paraíso, em Humaitá, na Região Amazônica. Castro salientou ainda, segundo Tocantins: “A arte imita a vida. Ele próprio, em Lisboa, me confessou a autenticidade de rota, fatos, paisagens e impressões durante a viagem do gaiolo” (TOCANTINS, 1999, p.107).

Edward Said, em *O Orientalismo*, ressalta sobre a invenção do Oriente pelo Ocidente: “O Oriente era praticamente uma invenção européia”, “o principal para o visitante europeu era uma certa representação européia” (SAID, 2007, p. 27). Apesar de Ferreira de Castro ter apontado *A Selva* como cópia à verdade, observaremos a presença

v. 8, n. 1 (2015)

do pensamento do Colonizador, a superioridade eurocêntrica em várias situações do romance.

Neide Gondim em *A Invenção da Amazônia* faz algumas análises em narrativas da Amazônia e relata as asperezas encontradas pelo homem “escravizado” na floresta que, por sua vez, é comparado ao enredo desenvolvido por Ferreira de Castro em *A Selva*:

A árvore que chora fala da metamorfose do homem em mercadoria enquanto vendedor de sua força de trabalho a alguma coisa que sente na pele, mas não vê; é subjetiva e se objetiva em seu próprio descrédito enquanto homem; sente a força vampiresca e poderosa que lhe extrai do corpo a alma e o sangue num constante movimento autofágico (GONDIM, 2007, p. 302).

Direcionando nossa leitura para algumas cenas do romance *A Selva*, temos o convite que a personagem Macedo faz a seu sobrinho, Alberto, para ir tentar a vida na Amazônia:

– Eu tinha pensado... É que está aí um seringueiro – o Balbino, aquele que anda sempre com um charuto na boca – que foi ao Ceará buscar pessoal para o Rio Madeira. Mas, ontem, fugiram-lhe três homens... Ora, eu pensei... Sim, talvez falando com ele tu pudesses... (CASTRO, 1960, p. 23).

A partir dessa citação, podemos fazer uma reflexão das condições hostis que os nordestinos iriam se submeter nos seringais, pois para efetivarem a desistência da viagem eram obrigados a fugir. Em outro momento da narrativa, Alberto sonda a seu tio sobre as febres da Região do Rio Madeira. Macedo responde:

– No Rio Madeira...
– É; em todos os seringais há muitas febres...
Macedo contrariou-se, mas resistiu, encarcerando, substituindo, as palavras de exaltação que lhe ferviam lá dentro (CASTRO, 1960, p. 23).

Com os fragmentos supracitados do romance, temos “o colonizado brasileiro colonizando o colonizador europeu”. Macedo tende a convencer e, de certa forma, a forçar Alberto a aceitar o trabalho no Paraíso, assim, Alberto torna-se vítima do sistema.

Alberto aceitou ir para o seringal na Amazônia e a partir de então manteve uma grande resistência em se aceitar como Outro. Said (2007) esboça questões sobre as concepções e tratamentos ocidentais em relação ao Outro, de alguma forma, inferior ao modelo social, político e cultural europeu. Esse estudo ajuda a compreender “a força do

v. 8, n. 1 (2015)

discurso cultural ocidental, uma força muitas vezes tomada erroneamente como apenas decorativa ou de superestrutura” que não levam, em consideração, os aspectos socioculturais do Outro. Esse panorama ilustra “a formidável estrutura de dominação cultural e, especificamente para os povos outrora colonizados” (SAID, 2007, p. 55-6). Nessa perspectiva de superioridade ocidental, verificaremos a resistência do colonizador europeu representado pela personagem de Alberto dentro do contexto Amazônico.

Pratt salienta a respeito da descolonização do conhecimento que “inclui o dever de compreender as maneiras pelas quais o Ocidente (a) constrói seu conhecimento do mundo em linha com suas ambições econômicas e políticas” (PRATT, 1999, p. 22). Descolonizar significa ver, conhecer e entender os elementos culturais, sociais e políticos do Outro. Alberto foi inserido no contexto dos seringais amazônicos, seu pensamento colonialista resiste em ver, aceitar e fazer parte da cultura do Outro. Várias cenas do romance relata a resistência do colonizador europeu em descolonizar seu pensamento.

Por exemplo, na terceira classe da embarcação, Justo Chermont, Alberto não aceitava a posição do Outro. “Magoava-o a facilidade com que outros recrutados se adaptavam e dormiam tranquilamente - um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta” (CASTRO, 1960, p. 40). Ele não se considerava submisso, não se considerava um colonizado. Alguns trechos enfatizam essa resistência em relação ao Outro.

E quedava-se, de novo resignado, a aguardar Balbino, a vê-lo já chegar, a vê-lo aperta-lhe a mão e dizer-lhe: <Faça favor... Venha comer>. *E não era só a morte da fome; era a consideração que o gesto do outro lhe daria entre o rebanho, era a desforra daquela indiferença que o envolvia* (CASTRO, 1960, p.50, grifo nosso).

O colonizador europeu na posição de colonizado não admitia sua posição e esperava de alguma forma que fosse identificado como ser superior aos demais, todavia estava inserido nas mesmas condições que o Outro, os nordestinos elencados para o trabalho na selva amazônica.

Alberto “no convés da terceira, perseguido pelos vendilhões, que, perante a sua gravata e o seu fato passado a ferro, o julgavam com mais posses do que as cearenses” (CASTRO, 1960, p.57). Para ele sua vestimenta era uma forma de resistência e de

v. 8, n. 1 (2015)

superioridade em relação ao “rebanho”, palavra esta recorrente na narrativa ao se referir aos nordestinos designados para o seringal.

Na chegada ao seringal Paraíso, temos o contato entre colonizador europeu e colonizados, os encontros eram sempre humilhantes. Para Pratt “o termo ‘contato’ deseja tornar visíveis os aspectos interativos e improvisados dos encontros coloniais, e concentra-se sobre como o sujeito na zona de contato são constituídos por suas relações mútuas” (PRATT, 1999, p. 30). Porém, os colonizados, que já habitavam o Paraíso, recebiam com hostilidades a nova leva de brados que iriam se submeter às desavenças que já haviam passado no seringal.

Gondim analisando as narrativas da Amazônia relata que “os nativos são agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco – essa é a conclusão a que praticamente todos os viajantes chegaram depois de visitar o paraíso infernal amazônico” (GONDIM, 2007, p. 163). Essa era a maneira que o homem branco olhava o autóctone, visão de superioridade, de não aceitação do Outro. Visão que Alberto tende a lançar sobre os colonizados, proporcionando uma marginalização dos mesmos.

[...] tudo servia para gargalhada de volúpia ou frase de escárnio, que recordasse à vítima a sua condição de inadaptado. [...] Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo *sentia uma repulsa instintiva por toda aquela humanidade de hábitos rudimentares e cujo convívio, ainda em hipótese, o amargurava profundamente* (CASTRO, 1960, p. 85-6, grifo nosso).

Temos nessa cena o encontro do colonizador europeu com o seu novo mundo, o microcosmo Paraíso, onde o narrador descreve o desprezo de Alberto em meio “aquela humanidade de hábitos rudimentares”, ou seja, inferior à supremacia do Mundo Europeu. Said relatou que “as fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneira previsível”, porém temos o ponto de vista de quem olha e de onde olha. A maneira como um indivíduo se sente estrangeiro ou não estrangeiro se baseia numa visão daquilo que “existe ‘lá fora’, para além do território conhecido. Todos os tipos de suposições, associações e ficção parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso” (SAID, 2007, p. 91). Desse modo, Alberto resistia ao novo ambiente, aos novos hábitos, a nova sociedade que estava se inserindo, tinha o olhar de colonizador, e a não

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

aceitação do território sociocultural do Outro implicava em manter sua “dignidade” eurocêntrica.

Os colonizados eram tratados como seres inferiores, comparados a rebanhos e a escravos. No desembarque, Balbino contava os novos seringueiros e dava-lhes explicações e “Alberto pensava, olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem escravos em plagas longínquas, quando a voz rude de Balbino lhe recordou que também ele fazia parte do bando [...]” (CASTRO, 1960, p. 87).

A presença de Juca Tristão chama a atenção de Alberto: “quem era a personalidade que tantas vênias desfrutava. – É o Juca Tristão – elucidou o outro – É o seu patrão...” (CASTRO, 1960, p.86). Nessa cena, mais uma vez, presenciemos a resistência que Alberto mantinha em se reconhecer como o Outro, entretanto o ambiente demonstrava e forçava essa aceitação.

Quando inquiriram ao Juca Tristão sobre o que fazer com o português, ele disse: “– Não compreendo como você trouxe uma peste dessas. Já é sabido que carcamano e marinheiro só são bons para regatão...” (CASTRO, 1960, p. 92). Alberto não foi bem vindo, era português, era estrangeiro. Ele estava no território onde antigamente sua nação fora colonizadora e agora estava submetido aos desalentos dos próprios colonizados.

Sobre as transações comerciais no seringal, quando o seringueiro tinha saldo, Juca Tristão vendia tudo o que ele necessitasse “fosse loucura rematada ou objecto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na <casa aviadora>, em Manaus” (CASTRO, 1960, p.94). Essa era a lei dos seringais, uma forma do seringalista manter os seringueiros presos ao seringal. Era também uma prática recorrente nos seringais da Amazônia, como mencionou Cunha “Torna-se eterno hóspede dentro da própria casa”, pois “todas as benfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se” (CUNHA, 2006, p. 28-31).

Alberto se aproximou do caboclo Firmino que se tornou seu grande amigo, foi o responsável pela integração de Alberto ao seringal Paraíso. Firmino ensinou à Alberto os principais segredos para tentar vencer a Selva. Sempre se mostrou a disposição de Alberto, emprestou calçado adequado para a selva: “Firmino entrou, para volver com

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

rudes borzeguins de borracha, iguais aos que ele trazia – <latex> coalhado sobre uma forma de madeira e único artefacto ali fabricado com a riqueza que se extraía”. O seringueiro também emprestou roupas para Alberto não danificar seu traje de gala: “Você não deve trazer o seu paletó. [...] Assim, assim, enquanto não tem blusa. Tire também o colete e a gravata, que atrapalham um homem e lhe dão calor” (CASTRO, 1960, p.109).

Firmino explicava a Alberto sobre os motivos de não ter mulheres nos seringais:

– Seu Juca é quem manda buscar os <brados> ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui. Se os <brados> viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tem aqui a mulher, trabalha menos para o patrão. Vai caçar, vai pescar, vai trabalhar do mandiocal e só tira seringa para algum metro de riscado ou litro de cachaça de que precise. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sôzinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá pelo Ceará (CASTRO, 1960, p. 142).

Nesse trecho, vemos a relação de Poder que o colonizador brasileiro mantinha sobre os demais no Paraíso. Said comenta sobre a relação de poder de um ocidental ao se referir a um europeu: “[...] o consumidor ocidental tem o direito de possuir ou gastar (ou ambas as coisas) a maioria dos recursos do mundo. Por quê? Porque ele, ao contrário do oriental, é um verdadeiro ser humano” (SAID, 2007, p.161). Juca Tristão, na posição de colonizador brasileiro, detentor do Poder, mantinha esse monopólio em relação aos seringueiros.

Em outro momento, Alberto foi advertido por estar estragando as seringueiras e o inspetor do seringal desprestigiou a identidade do colonizador europeu:

– Não pode ser! Isto não é cortar seringa nem nada e ele já tem tempo para saber! Esses portugueses e carcamanos, quando estão lá na cidade e precisam de nós, não têm vergonha nenhuma e fingem de mansos para nós os trazermos. Depois, se tornam malandros e são traiçoeiros como surucucu. (CASTRO, 1960, p.133).

O colonizador europeu, no microcosmo Paraíso, era visto como inferior aos demais colonizados. Todos eram avaliados pelos seus trabalhos, atos e comportamentos que refletiam na hora de serem aviados aos domingos. A cachaça era a bebida que o seringueiro utilizava para tentar esquecer a saudade da família, da sua terra, as humilhações no seringal. Assim, temos o seguinte trecho:

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

Mas entre os párias havia grande solidariedade sempre que se tratava de cachaça. Por um gole de bebida que estrangulava a tristeza nas longínquas solidões, seriam capazes de palmilhar um dia inteiro todas as sendas da floresta ou de entregar o produto de muitas semanas de labor (CASTRO, 1960, p. 154).

Como de costume, o seringueiro procura o barracão para ser aviado e para pegar os mantimentos. Os seringueiros eram tratados com hostilidades pela selva e pelo colonizador brasileiro, como exemplo temos a cena:

Quando Alberto se encostou à escrivaninha, com Firmino ao lado, Juca Tristão olhou-o de alto a baixo, exclamando:
 – Você me está a dar cabo da estrada! Se não tinha jeito para cortar seringa ou se não queria, não viesse para cá, que ninguém cá precisava de você. Não se acredita que um homem que vem de Portugal seja mais bestalhão do que um cearense. Só lhe digo uma coisa: se você continuar a matar os paus, eu não lhe vendo nem mais um litro de farinha! (CASTRO, 1960, p. 155).

Assim sendo, nesse trecho temos novamente uma rejeição sobre o colonizador europeu “ninguém cá precisava de você” e também temos explícita a superioridade do colonizador brasileiro, Juca Tristão.

Na selva amazônica, ter um rifle, era garantia de sobrevivência, pois haviam animais selvagens que ameaçavam os homens e também haviam conflitos com os indígenas que, na maioria das vezes, terminava em morte. Assim, após ter negado um rifle a Alberto, Juca Tristão também negou um rifle a outro seringueiro. O diálogo do seringueiro chamou a atenção de Alberto: “Uma frase trouxe Alberto à normalidade: – Eu não vim aqui para perder a vida, seu Juca!” (CASTRO, 1960, p. 157). De fato, nenhum seringueiro estava ali para perder a vida, estavam em busca de uma riqueza ilusória, de uma riqueza impossível para o seringueiro. Temos o colonizador brasileiro numa perspectiva desumana em relação aos outros, inclusive aos brasileiros, assim como relata Said: “um ocidental branco de classe média acredita ser sua prerrogativa humana não só administrar o mundo não branco, mas também possuí-lo, só porque por definição ‘esse mundo’ não é tão humano quanto ‘nós’ somos” (SAID, 2007, p.161). Os contrapontos da Selva, a distância da terra natal, o sistema exploratório do seringal, tudo colaborava para o monopólio do colonizador brasileiro.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

As dívidas dos seringueiros eram pressupostos para sua escravidão. Pela dívida o colonizador brasileiro ditava as leis do seringal, vendia o que bem entendia, comprava a preços mínimos as bolas de borracha dos seringueiros e vendia quase pelo dobro em Manaus e Belém, constituindo um sistema exploratório onde o único beneficiado era o seringalista.

Em pouco tempo, no seringal, os brados já se preocupavam em trabalhar para arrumar saldo para quitar suas dívidas e regressarem. Em meio aos atritos com o colonizador brasileiro, perdiam a expectativa de vida, ficavam limitados à conta: “... Mas, se eu morrer, ele perde mais. Perde toda a conta... Riram-se. O irado rio também” (CASTRO, 1960, p. 157). Neste trecho, observa-se que os colonizados eram pessoas humildes, facilmente resignáveis e integrados à selva. Assim, o microcosmo paraíso fazia, em alguns casos, os seringueiros perderem a perspectiva de vida, pois a vida valia uma dívida.

O colonizador europeu, pelas leis naturais da selva e pelas impostas pelo colonizador brasileiro, se integrava ao sistema e já se sentia colonizado:

Alberto pensava na sua conta, no que podia acontecer, no que não aconteceria jamais – fila de hipóteses tão interminável como aqueles troncos de todos os tamanhos que o farol ia arrancando à negridão da selva. < Dez quilos por semana, trinta mil réis... Cento e vinte no fim do mês. Mas as despesas? As despesas... E o Inverno, em que não se fazia quase nada? Quantos anos, quantos, para pagar a conta, mesmo que tivesse sorte e saúde!> (CASTRO, 1960, p. 167-8).

Após o colonizador europeu se integrar, ver e viver as asperezas da vida na selva, as hostilidades, perder, em alguns momentos, o senso civilizatório proporcionado pelo microcosmo paraíso, surge uma promoção. Juca Tristão necessita de alguém para trabalhar no barracão: “– Parece-me muito bem. Os judeus e os portugueses nasceram para o comércio”. Seu Juca, indaga a Alberto sobre o que ele sabia sobre comércio, meditando um momento diz: “– Está bem. Você vem cá para o barracão, já que não dá nada a cortar seringa. Depois se vê quanto pode ganhar”. Era o primeiro reconhecimento “Alberto saiu tropeçando no cesto dos papéis, *a alma iluminada por aquele princípio de redenção*” (CASTRO, 1960, p.194- 6, grifo nosso).

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

O espírito de superioridade avivou-se em Alberto. Era o reconhecimento de Alberto, uma forma de redenção daquele local que abominava. Porém, no barracão, em alguns momentos, se sentiu humilhado em ter um tratamento inferior aos demais empregados. Observava a mesa dentro do casarão “com toalha branca, cristais e vinhos era, para ele, motivo humilhante. Sentia-se arredado como um doméstico: as mãos engelhadas ainda da lavagem das garrafas e as refeições servidas na cozinha, a marcarem a sua situação” (CASTRO, 1960, p.209).

Conforme Alberto se integrava ao novo ambiente do barracão, começava a mudar seu posicionamento em relação à cúpula do colonizador brasileiro: “à medida que crescia no lugar, ia regressando a si próprio, de novo se sentindo digno de tudo que de bom lhe faziam: da consideração do senhor Guerreiro, da meiguice de Caetano e de Balbino” (CASTRO, 1960, p. 222). O sentimento de dignidade de Alberto refletia no sentimento de superioridade do colonizador, sentimento de Poder. Said salienta “Basta que ‘nós’ tracemos essas fronteiras em nossas mente; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos ‘nossos’” (SAID, 2007, p. 91). Neste sentido, Alberto que antes repugnava as ações do senhor Guerreiro, de Caetano e de Balbino, agora vê-los com uma sensibilidade maior, são “meigos”, desse modo, o colonizador europeu novamente se aviva posicionando no mesmo lado dos colonizadores brasileiros.

Em determinado momento da narrativa, Juca Tristão viaja para visitar sua fazenda em Marajó. A reação de Alberto quanto à ausência do colonizador brasileiro:

Sòmente Juca Tristão gozava, ali, a regalia de poder ausentar-se sempre que assim o entendesse. Era o único que partia, com bom saldo na carteira, subisse ou descesse a borracha. Alberto, então, teve inveja, inveja que era quase ódio surdo e latente. Ao mesmo tempo, porém, sentia inexplicável alívio com a ausência do amo (CASTRO, 1960, p. 229-230).

Alberto recebeu uma carta de Portugal, era de sua mãe. A carta trazia a notícia que ele estava anistiado: “Prendia-o a carta materna, com a notícia de que os republicanos haviam, enfim, resolvido amnistiar os insurrectos de Monsanto. Ele podia, pois regressar livremente e quando lhe aprouvesse” (CASTRO, 1960, p. 248). Posteriormente, recebeu

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

uma nova carta de sua mãe, na correspondência havia o dinheiro para o regresso à Portugal. Sua saída do Paraíso infernal estava mais próxima:

Os seus olhos haviam-se humedecido e os seus lábios tremiam de emoção. Mas logo ele reagiu. Estava livre! Livre! E que pena, que pena, que a ignorância materna, temendo o extravio do dinheiro, lho tivesse enviado por intermédio de Macedo! O tio escusava de saber aquilo. (CASTRO, 1960: p.284).

Alberto ficou lisonjeado com a notícia e com a previsão de seu futuro, longe do Brasil, especialmente, longe do paraíso infernal do seringal. O colonizador brasileiro absolve a dívida de Alberto, porém deveria esperar Juca Tristão arrumar alguém substituí-lo.

A narrativa termina com o barracão ardendo em fogo, todos preocupados com a falta do colonizador brasileiro: “– Está lá dentro. Eu e o João fomos ver se entrávamos lá, mas o fogo não deixou. Tenho as mãos piores que um moqueado e não tenho cabelo nem pestanas. Se seu Juca não sai para o quintal, a esta hora está perdido” (CASTRO, 1960, p. 314). Assim, o colonizador brasileiro foi morto pelo fogo para a libertação de muitos.

O negro Tiago confessa o crime:

– Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair... [...] Humilde na sua sinceridade, o olhar baixo, indiferente à cólera que o circundava, Tiago murmurou: – Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura... [...] (CASTRO, 1960, p. 318- 9).

Contudo, é interessante observar o que Pratt relata sobre o teor das narrativas de viagens e aponta fatos que equiparamos ao romance *A Selva*:

Os esquemas de amor transracional dos relatos de viagem sentimental tanto confrontavam como mediatizavam essas contradições, articulando aquilo que foi chamado por Peter Hulme um ‘ideal de harmonia cultural por meio do romance.’ (HULME, 1987 apud PRATT, 1999: p. 29) O que faz desse ideal uma ideal é a mítica (sic.) da reciprocidade [...] E naturalmente, no final a reciprocidade acaba, os amantes se separam, o europeu é reabsorvido pela Europa e o amante não europeu morre ainda na juventude (PRATT, 1999: p.29).

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

Pressupomos, com o término da narrativa, a vitória dos colonizados que tanto sofreram no Paraíso. Mas não podemos deixar de lembrar que o colonizador europeu, que esteve em meio aos brados no seringal, também vence. Ferreira de Castro representou o Oriente através das experiências vividas pela personagem Alberto no romance *A Selva*, porém representou o Oriente mimético Amazônico. O colonizador foi invertido ao papel de colonizado, viveu as hostilidades da Selva e o desumano sistema de exploração do homem nos seringais.

Considerações Finais

Nosso objetivo foi fazer uma leitura numa visão pós-colonial observando a inversão de papéis e a visão do Outro segundo o arquétipo europeu. O romance foi publicado em Portugal para o público português, mas não deixou de ser um romance regional brasileiro. Não podemos desmerecer *A Selva*, pois assim como Euclides da Cunha em *À Margem da História*, Castro fez uma denúncia sobre o sistema exploratório humano dos seringais da Região Amazônica. Ele apresentou ao mundo as desavenças sofridas pelos nordestinos nos seringais brasileiros e divulgou a Região Amazônica com sua obra.

Assim sendo, estudamos o romance a partir da inversão de papéis: colonizador versus colonizado. Vimos a denúncia social, mas também vimos a resistência do colonizador em se inserir no meio e de aceitar a cultura do Outro. Essa inversão também é visível em outros romances brasileiros como *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães (2005), onde temos a inversão do papel de uma personagem branca, representando o colonizador, na posição de escrava, negra colonizada. E ainda, *O Ateneu* de Raul Pompéia (1999), onde temos o menino Sérgio, filho de uma família abastada, que na inversão de papéis sofre as desavenças no colégio interno e desse modo faz uma crítica social ao sistema de ensino da aristocracia da época. Essas obras servem como subsídios para compreender a tática utilizada por alguns escritores que, ao fazer a inversão de papéis, levam o leitor a ver com os olhos da dor e da incerteza a situação vivida pela personagem.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

No romance *A Selva*, temos o colonizador europeu ou o metropolitano representando o Outro através de si mesmo. A inversão de papéis mostrou a realidade social do final do século XIX e início do século XX no contexto amazônico do Brasil. Assim, Castro sentiu, em sua experiência de vida, as dificuldades da Selva Amazônica, pois viveu entre os seringueiros brasileiros, embora não fosse nativo. Escreveu sobre a selva, porque devia isso aos nordestinos que viveram com ele no Paraíso. Mas, sua preocupação também era com a crítica portuguesa em aceitar ou não sua obra, assim como relatou Ferreira de Castro (*apud* TOCANTINS, 1999, p. 110): “relutei em situar o ato repulsivo, pensando, sobretudo, nas repercussões em Portugal”.

Por fim, podemos considerar a inversão de papéis como um recurso para comover o leitor, para amenizar a situação de Poder que o colonizador europeu manteve sobre os colonizados. Castro adentrou a antiga colônia, segundo a história, viu e viveu os comportamentos dos seringueiros, observou e anotou o sistema de exploração semelhante ao sistema exploração colonial. E, mesmo com a inversão de papéis no romance *A Selva*, o colonizador europeu vence, ele volta a Portugal, enquanto os colonizados continuam marginalizados e considerados seres de fronteiras.

Referências

- CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa: Guimarães, 1960.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história* / Euclides da Cunha. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- EMERY, Bernard. *A Amazônia e a (re)invenção do luso-tropicalismo: o caso de A Selva*. In: *Leitura da Amazônia: revista internacional de arte e cultura* / publicação do Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas e Universidade Srenbal-Grenoble 3 – GreLit. Ano I, nº 1 (abril, 1998/ fevereiro, 1999) – Manaus: Valer, 1999.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 8, n. 1 (2015)

PRATT, Mary Louise. *Pós-Colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante?* In: Literatura e História: Perspectivas e Convergências. Luiz Eugênio Vécio e Pedro Brum Santos (Org.). Bauru. EDUSC, 1999.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* /Edward W. Said, tradução Rosaura Eichenberg. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOCANTINS, Leandro. *Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia*. In: Leitura da Amazônia: revista internacional de arte e cultura / publicação do Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas e Universidade Srenbal-Grenoble 3 – Grelit. Ano I, nº 1 (abril, 1998/ fevereiro, 1999) – Manaus: Valer, 1999.

Artigo recebido em 15/04/2015

Artigo aceito em 22/02/2016